

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIMOR

32 - sobrado 32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

3\$000
6\$000
20\$000

PROVINCAS

Semestre	11\$000
Anno	21\$000
Avulso	1\$000



O Barão de Angra.
actual director da estrada de ferro. L. Pedro 2.

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 16 de Março de 1872.

Dou a parte que me hade tocar no Paraíso, pois é fora de duvida que devo ter lá um cantinho reservado, á quem me disser-o que seja a opinião publica.

O Vasques em sua immortal palhaçada *O arpheu na vara*, symbolisou-a no Guilherme, vestido de pedestre, tendo nãa mo um atrevido vergalho.

A opinião do respeitavel publico, assim entendida, não deixa de ter seu fundamento.

E' fora de duvida que o vergalho-já representado pela penna do escriptor que ora abraça uma idéa, ora combate por outra diametralmente opposta; já pelo governo que espousa todos os interesses; já pelo juiz que corrompe e é corrompido-dirige maravilhosamente as massas e toca-as para onde quer.

Mas a opinião publica neste paiz é mais alguma coisa ainda.

Que o diga a eleição do Sr. Teixeira Junior. O homem combatera com todo o denodo, expondo o peito ás metralhas inimigas, na celebre campanha da emancipação do elemento servil, por cuja victoria, disiam todos, suspirava o Brasil inteiro.

A lucta termina; sobre o campo de batalha o lidador planta o estandarte glorioso do triumpho, e quando parecia que o paiz devia de cabo a rabo, como vulgarmente se diz, abraçar o guerreiro que com tanta bravura se portara vémol-o esquecido e insultado pelos aventureiros do arraial opposto.

Os leitores poderão ter a bondade de dizer-me o que é-opinião publica?

O facto mais importante da semana foi o *attentado atroz* que soffreu o cidadão portuguez José de Almeida Barreto Bastos, o antigo poeta do *Correio Mercantil*, o homem dos *abstrucções* e do *pin-pin*, que deu em terra com o reinado progressista do Sr. Zacharias de Góes e Vasconcellos.

Segundo ouvimos dizer o bardo lusitano foi sorprendido em flagrante junto á uma esquina, em posição um pouco dubia!

O guarda fiscal, urbano, permanente, ou pessoa que melhor nome tenha em technologia policial, entendeu que aquella posição aliás muito conveniente d'entro das casinholas, que se en-

contram junto aos templos, era um insulto feito á esquina, e segurando-o pela gola, levou-o á presença do Sr. Ludgero, que não é homem para brincadeiras.

O Sr. Ludgero ouviu o inspirado trovador, e parece que a conta ficou reduzida a 110\$000.

O Sr. Barreto Bastos procedeu então como o Brasil na questão anglo-brasileira,—pagou e protestou em seguida da tribuna universal do *Jornal do Commercio*.

E a tal tribuna universal da imprensa é uma grande instituição!

Infelizmente as paredes e os muros d'esta cidade comegam a invadir-lhe as attribuições de uma maneira escandalosa.

Quem posser em duvida o que acabo de dizer apello com o protesto de arrasar na proxima semana para os Srs. Ayer, Gaudelo, Bonneauult etc., etc.

Até aqui o Vigor do cabello, a Salsaparrilha, e os relogios eram apreçados em letra redonda nas columnas do jornalismo diário; hoje as virtudes d'esses objectos são estampadas á broxa em todos os muros e paredes.

Houve até quem dissesse com muito espirito—que a salsaparrilha limpava o sangue, mas sujava a cidade.

Mas este paiz é supinamente livre.

Todos aqui fazem o que querem.

E a prova está no grande barracão levantado no Largo de S. Francisco de Paula, e onde mediante dous tostões se vê a guerra franco-prussiana por um oculo, tendo-se alem disso direito á um assobio, um agulheiro ou a qualquer outra coisa, que a sorte designar.

A camara municipal cumpriu finalmente a promessa que nos havia feito de aformosear aquelle largo.

Já temos alli um cosmorama, e muito breve é natural que appareçam barracas, onde se encontre á mão tudo quanto se precise.

E a estatua de José Bonifacio que, diziam, seria um dia alli levantada?

Sonhos deste bom povo de poetas!

E na realidade o Brazil é a terra da poesia.

Temos poetas politicos e politicos poetas.

Os primeiros cantam os feitos dos que estão em cima para empolgarem o poder; os segundos

aceitam as homenagens dos que estão em baixo para conservarem o mesmo.

Quer-se um juiz que administre justiça com sciencia e rectidão, agarra-se um poeta.

Quer-se um presidente de provincia, recruta-se das fileiras das Musas um trovador, e lá vão os interesses do Estado para o Parnaso.

Precisa-se de um diplomata para realizar uma negociação importante, vai-se procurar a dedo um apostolo da poesia.

Até a pasta das finanças tem sido occupada por poetas!

Digam-me agora se este paiz não vive a sonhar?

O que deixou de ser sonho e passou para os dominios da realidade é o afan com que se fazem arcos, coretos e illuminações para a recepção de SS. MM. Imperiaes.

Preparam-se os pais de familia para essa luta travada, em que hão de sair victoriosos Decap & Autage, Celestine, Chesneau, Guion e todos os que cahem sobre as algibeiras do proximo em laes occasiões.

Declaro ao leitor com a franqueza que me caracteriza, que tres vezes tenho encarado o hymineu e tres vezes tenho recusado, prevendo a possibilidade de apparecer-me algum festejo com luminarias na constancia do matrimonio.

Quando penso nisso, por mais ardente que seja o amor que consagro á uma mulher converte-se se logo em frio gelo da Siberia.

Vem-me á mente o vestido de seda, a medallha para o pescogo da menina, os sapatos para o Joãozinho, o chapéu para a Bilú, o par de luvas para esta, o bracelete para aquella, todo este inferno emfim de que está livre o celi-batario.

Aguentem-se portanto os pais de familia no balanço, como dizem os garotos.

Quanto á mim, pretendo assistir de palanque a tudo quanto houver.

Já está decidida a sorte dos *periquitos* da *salinha*. Oxalá que não lhes falem boas espigas de milho.

Até sabbado.

Z.

Beliscões

Que titulo!

Tolo, não achas? A primeira vista assim é. Parece mesmo muito tolo, mais tolo ainda do que o leitor, que pensa votar *livrenante*, pelo simples facto de ter a *liberdade*, não de dar o seu voto a quem bem

quer, mas de escolher entre duas chapas de ferro, impostas por mandões e recheadas de nomes, que... (Calu-te, oh, boca; não maligas o teu proximo!)

Mas, se não levio a mim, vou dizer-lhes o que me induzio a intitular assim o que vai por ahí adiante.

Sabem que ha beliscões que doem e beliscões que delectam.

Entre os primeiros contam-se os que as mães rispadas dão nos filhos traquinas, os mestres severos nos discipulos maníricos, as senhoras velhas-rabujentas nos crioulinhos mal criados.

Desses *libera nós, domine!* São insupportaveis; magoam; deixam no corpo marcas roixas e doridas por muitos dias.

Mas ha outros em compensação. Se ha!

E entre elles figuram no primeiro plano os que as moças bonitas dão, de longe em longe, em seus namorados.

Oh! Dê-nos Deus duzias desses por hora, que os sofreremos resignados... sem proferir uma queixa, sem soltar um gemido.

Ora, eis aqui a coisa bem clara... ou escura. Eis aqui porque escrevi na cabeça deste artigo —*beliscões*— (vocabulo que em bom portuguez é quasi synonymo de *piuices*.)

Perceberam? Se não perceberem, procurarei tornar-me mais explicito, dizendo: assim como uns beliscões incommodam e outros dão prazer, assim como uns são inflingidos como castigo e outros dados como recompensa... e tal e tal... assim tambem n'esta chronica procurarei distribuir a todos justiça, como cada qual merecer, censurando o que for digno de elogio, louvando o que merecer censura, castigando os bons... Não é isso; equivoquei-me, atrapalhei-me todo.

Voltemos, pois, atraz e afivelmos melhor o assumpto.

Como dizia: assim tambem n'esta chronica procurarei distribuir justiça a todos, como cada qual merecer, censurando o que...

Ora, viva!

E eu a perder um tempo tão precioso com explicções inuteis como o «*Diario de Noticias*» bannes, como o «*Correio do Brazil*», parvas como... (Mau! Em tão poucas linhas cinco vezes—como—, como se eu fosse homem de muito comer!)

Emfim!

Comecemos.

Estão lendo o *Corta Cabeças*, folhetim actual do *Jornal da Tarde*?

Não percam este ensejo de se instruirem em litteratura nua. E' um conselho de amigo que lhes dou.

Se querem, dou-lhes aqui uma amostra da fazenda, narrando em poucas palavras uma das peripecias do tal folhetim. E' fresquinha; é d'esta semana.



*Preparativos para os festejos.
 Se a actividade se desenvolver assim por toda a parte, muito
 haverá por certo que ver e admirar.*

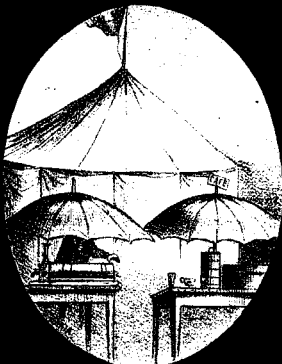
AVIDA FLUMINENSE



"Você não espanta minha burro, que
deitar bravo, não
"Alô, alô! a cambra quer que os soldados
saque imposto, e como Modou brava
do lado que Charles....
"Solo. Solo brava voce, desafortado!"



"Venha, venha. Todo sobre os olhos
"Campana, paga imposto
"Diga todos! Você não vê que é uma
"Paga, por causa da visita?
"Saque ou todo, lá decidiremos isso
na Cambra."



Todos que saem de noite aos pés
pedros, que são o fado da capoeira,
gentes, mas que graças ao seu
hostio, muito embelleçam as tra-
ças pulcras.



Esteluz destinada a comemorar
os grandes serviços prestados ao
país comemorando a queda da ditadura
nos dias 1 de 1869, 15 de 1871 e 1872.

Ahi vai:

Deus innamorados estão n'uma ilha, opulenta do vegetação, e onde corre mauzo e cristalino regato. Junto ao regato ha uma gruta, sombria, fresca, extremamente aprazível.

Vai a namorada e trava com o namorado o seguinte dialogo:

— Oh, aquelle!

— Heim?

— Vamos tomar um banho?

— E-tá dito.

E logo principiam os dois a tirar de cima de si isto, aquillo, aquill'outro, tudo enfim com que estavam vestidos.

E entre os ambos, lepidos como corças, alvos como os cysnes... brancos, (se me referisse aos cysnes de outra côr, a comparação não seria tão perfeita, creio) sacreiros como beija-flores, e vestidos... como o cupidinho do Passeio... encaminham-se do lado de braco dado para o regato.

Quadro tocante, deslumbrante e edificante!

Semelhavam Adão e Eva no Paraíso... antes da folha de figueira.

Depois do banho foi o lindo par para a gruta... e outros referidos ao Novo Methodo.

Leiam! Leiam! Não lhes digo mais nada!

A linguagem é clara e correctea, sem esses véos estúpidos, sem essas reticências que nada explicam.

Aquillo é—pão, pão, queijo, queijo!

E porque não haverá ser??

E a Republica com Millo. Julia Dolepierre?

Aquillo é que é enthusiasmo, curamba!

Nihilus est dies, quo non dicat pro rabequista.

Se hoje vem um noticiário de vinte linhas, é porque amanha hade vir outro de trinta, e depois quarenta, e assim por diante até encher toda a folha, com exclusão tão somente do pedaço da primeira columna, que se refere ao premio dos dez contos.

E os adjectivos e pronomes ascendem na mesma proporção!

E as comparações vão por ali alem, rapidas e certeiras, como seta de indio, ou como telegramma capaneiano!

E as citações avolumão-se... e tu lo em summa, cresce! cresce!! que é um louvar a Deus!!!

E porque? on para que?

Realmente é para psimar que a Republica se extasie por ver uma senhora *tocar rabeça*.

Se ellas já nascem sabendo excentar variações n'esse instrumento! E que variações!

Oral Para o que lhe havia, de dar a Republica,

Não somos nada n'esta vida!!

A Camara Municipal... essa, sim, é que é tudo quanto quer ser.

E agora o que ella quer é ser rica, o demo a ajude!

Para conseguir tão louvavel intento... Ora, dizei-lhe cá leitores: pensastes naturalmente que a edilidade, quando estabeleceu os mictorios publicos teve em mira limpar as esguintas e beccos da cidade?

Ingenueos que sois! Sen fim foi, pelo contrario, limpar as algeibeiras dos muncipios, por meio de multas de 108000 reis! Os mictorios não servem senão de pretexto, de isca para as infracções da nova postura.

A Camara disse lá aos seus botões. (Não a convidizer, mas é como se ouvisse). Disse ella, pois:

—Estabeleço alguns receptaculos acanhados, incapazes de receberem toda a ammonia da cidade; colloc-oos muito longe uns dos outros e decreto uma multa pesada a quem... continuar no costume antigo.

E se bem o disse; melhor o tem feito.

Dez mil reis! E pede-se assim dez mil reis, como quem pede fogo para acender uma ponta de cigarro!

Outra especulação bonita da edilidade é a das barracas de lona velha nas pragas da cidade. Deste ponto tratarei no proximo numero.

Começou-se a publicar na corte uma nova folha diaria, denominada *Movimento*.

Choviscon um pouco no dia em que appareceu seu primeiro numero.

Não se diga, portanto, que o *Movimento* para nada serve.

Uma cousa desejava que me dissessem. E' esta:

A peça que se representa na *Plénie Dramatic* chama-se *Fausto*, porque foi posta em scena faustosamente, ou foi posta em scena com todo o fausto, porque se chama *Fausto*?

Quem souber e quizer informar-me, será gratificado com um... aperto de mão cordial.

A Apollonia tem momentos bem felizes. A Eugenia vai assim. Vasques faz rir as pedras. Lisboa tem pernas grossas. Galvão... fica tão bonito!

O espectáculo não excede das 11 horas e meia! Não se perde, pois, o bond.

Pollegar e indicador,
(Em collaboração.)

Assumpo de varias côres

Peré Lahyre, marido de Mme. Loyse, éobrigado por ordem do rei a ir ajustar contas com os inglezes. Casado de fresco e previente como os que o são, confia sua mulher aos cuidados do cavalleiro Dunois, que a ser verdade o que diziam as más linguas d'aquelle tempo, fizora outra-côrte á mulher cuja guarda lhe é agora confiada. Dunois, entretanto, é amigo de Lahyre

e embora saiba que Loyse o vê com olhos... onde a severidade, ao menos para com elle, não transpõe um instante, cumpre a promessa feita ao amigo, evitando todos as occasiões de achar-se a sós com a mulher por quem seu coração já bateu, e bate ainda, e contentando-se de *arpenfer l'anti-chambre* sem se lembrar que *dans la chambre* existe o objecto do seu amor.

Lahyre volta da guerra, e descobrindo, por acaso, a ardente chamina que põe em torresmos o coração da esposa e os miollos do amigo, quer matar-se alli mesmo, para que a sua viuva possa mais tarde encontrar a felicidade nos braços de Dunois.

O rei, porém, providente tambem e sabedor de todas estas manobras do Deus vendado, enviára um tellegramma ao papa, e na propria occasião em que Lahyre quer dar cabo de si, chega a resposta do tellegramma, intimando Lahyre a divorciar-se da mulher, e permitindo a esta de contrahir segundas núpcias com o cavalheiro Dunois.

Tal é pouco mais ou menos o libretto da *opérette* ultimamente representada no theatro francez.

O enredo não prima, de certo, pelas complicações que põe a tratos a imaginação do espectador. Há, porém, muito dito espirituoso, muita situação onde o burlesco sobressahe, e muita phrase que provoca a gargalhada franca e expansiva.

Na musica, inspirada quasi toda pela musa de Offenbach, há trechos folgazões, a par de algumas melodias singelas que exprimem bem o sentimento das palavras. Os *couplets* de Dunois estão no primeiro caso: o romance de Loyse pertence inquestionavelmente ao segundo.

A peça é em geral bem cantada, e melhor comprehendida, por Tostée, uma castellãa às direitas, e por Dubois, um cavalleiro capaz de respeitar os depositos, embora frageis, que lhe são confiados.

Rosier é ainda digno de menção honrosa pelo relevo que souber dar ao *typo* de que o encaregaram.

Dois festas d'estrondo se preparam para o começo da semana proxima.

E' a primeira—o beneficio de Mlle. Delnary, annuciado para segunda feira, com a *repris* da opera buffa—*Le Pont des soupirs*.

E' a segunda—o beneficio da rabequista Julia Delopierre annuciado para a noite de 19 na vastissima sala do *Lyrico*.

Qualquer d'estes espectaculos não carece de recommendação.

Mlle. Delnary é uma artista que reside entre nós ha perto de sete annos, trabalhando constantemente, interpretando á satisfação geral os diversos generos do repertorio francez, e mostrando boa vontade a toda a prova e zelo inexcusavel no cumprimento de seus deveres.

Na opera, na *opérette*, na comedia ou no *vaudeville* tem ella dado sobejas provas de uma intelligencia pouco vulgar, de uma memoria prodigiosa, e de um talento que se amolda perfeitamente ás exigencias de um repertorio onde a variedade de genero predomina.

Considerada como cantora, se a natureza não lhe conceder órgão capaz de quebrar as vidraças, ensinou-lhe a arte esses mil preccitos que nem todas apprendem facilmente, e de que ella sabe servir-se com a correção aconselhada pelo estudo assiduo.

Como actriz—basta vê-la no *Piano de Berthe* para conceder-lhe um lugar de honra entre as primeiras que por cá tem apparecido.

Mlle. Delopierre é a *vio'cionista* que tem sabido extasiar o nosso publico, e attrahir sobre si o elogio sincero e unanime da nossa imprensa.

Iniciada desde criança nos segredos da arte e dotada de uma vocação legitima, sabe ella tirar do seu violino todo o partido que é posivel tirar-se de tão difficil instrumento.

Nos *andantes* é de uma perfeição é suavidade inexcusavel o seu modo de vibrar os sons: nos allegros ha a *bravura* precisa e a nitidez indispensavel á distincção das notas, de sorte que o auditorio pôde contal-as separadamente sem que, no fim, dê pela falta de uma só.

Recommendar pois artistas d'esta ordem á protecção publica é cousa por demais inutil.

O jornalismo annucia tão somente os expectaculos, e o publico faz o resto.

O *Paraíso perdido* mostra até á evidencia que, —havendo no paiz artistas como Joaquim Augusto já era tempo de se pensar seriamente na criação do theatro normal.

No Cassino ha enthusiasmo graúdo todas as vezes que Mles. D'Harcourt e Celine ou os Srs. Aufray e Désir desenrolam perante o publico as mil facécias de suas cançonetas.

Entretanto, com artistas assim, parece-me que já era tempo de lançar mão do *vaudeville* ou da *opérette*.

A. de A.

Typo de J. M. A. A. d'Aguiar, rua da Ajuda n. 106.



Não tenho medo de caras,
Tenho de carinhas ou caretas:
Lento por mim o fraco...
Qu'importam as tuas petas ?